

CONCEITOS BÁSICOS DE FILOSOFIA E POLÍTICA NO SÉCULO XXI

**Considerações Filosóficas
de um tolo**

logos - nous

Apontamentos básicos de Filosofia para o iniciante

Volmer Silva do Rêgo
(Volmer de Recife)

1ª. Edição - 2005

(CIP) – Dados internacionais de catalogação na publicação

©**Copyright** desta edição – 2014

Silva do Rêgo, Volmer – Recife, PE 1960.

CBJE – Câmara Brasileira do Jovem Escritor.

1ª Edição – RJ – 218 pgs

– todos os direitos reservados.

1. F I L O S O F I A

1. Título

ISBN: 9 788541304375

Contatos com o autor – e-mail: provolmer@gmail.com

É permitida a citação ou uso de partes do texto deste livro desde que citada a fonte.

Agradecimentos aos colegas professores, em especial ao professor Adriano Pires de Carvalho.

Edição – Pesquisa - Projeto gráfico -

Capa - Coordenação e Direção:

Volmer Silva do Rêgo



SUMÁRIO

Prefácio -	9
Iª. Parte -	17
Usos atuais da filosofia.	
Sobre Poesia, Mito, Religião e Ciência teórica.	
IIª. Parte -	71
Egito - Grécia - Judeia - Roma	
As trocas e influências.	
Roma - berçário da civilização Ocidental	
A Igreja e o poder.	
IIIª. Parte -	97
Cultura e Civilização. Os eixos do pensamento ocidental.	
Grécia - berço da civilização ocidental	
Pré-socráticos (conceitos da natureza)	
Ethos - Logos - Pathos	
Filósofos físicos	
Escola Jônica	
Eleatas	
Atomistas	
Sofistas	
Os três grandes:	
Sócrates - A questão do ser na Pólis	
Platão - Alma - Eros - República.	
Aristóteles - A ciência da filosofia - Lógica - Ética (virtudes cardiais)	
- Metafísica - Política - Dialética - Estética - Retórica e Poética	
Referências bibliográficas -	215

Prefácio

*Que obra-prima é o homem! Tão nobre na razão! Tão infinito na faculdade!
Na forma e no movimento, tão expressivo e admirável! Na ação, tão
semelhante a um anjo! Na compreensão, tão semelhante a um deus! A
beleza do mundo! O modelo dos animais! Ainda assim, para mim, o que é
essa quintessência do pó?*

William Shakespeare - Hamlet

Das muitas inquietações que permeiam a mente humana, várias há que se desdobrarão eternamente como dúvidas inexplicáveis e questões complexas, dadas ao tempo que se encarregará de transformá-las e de as recolocar em pauta, nunca mais como as mesmas, é certo, resultado da evolução do pensamento em consonância com as novas necessidades e novas descobertas, mas sempre renovadas e sempre capazes de instigar o raciocínio e à inteligência humanas em direção às respostas que podem estar no passado, e logo, porque o tempo imaterial, parece-nos, não se divide, no presente ou no futuro.

Para tal parece-nos possível raciocinar de forma simples (a simplicidade em si é um complexo implicado de considerações semânticas, linguísticas, conceituais, lógicas e também abstratas que, às vezes, foge à razão) – assim, é preciso dar o próximo passo, qual seja, retornar ao passado, circularmente. Uma vez chegado lá, porém, haveremos de nos reconduzir ao presente, aliás dele eximir-se é cometer suicídio, e, às explicações dadas pelos antepassados, e baseados nas mesmas, rever nossos próprios pontos de vista atuais e propor

novos que um dia também serão refutados pelas novas gerações. Gerar e quebrar paradigmas. Interpretar as reinterpretações.

Eis a esfericidade, como forma física, aqui utilizada como exemplo de perfeição do raciocínio e da arquitetura – para usar um termo moderno – que rege todo o universo e a vida nele contida, da pureza da ideia mecanicista ao complexo quântico evolucionário da moderna física atual, à engenharia genética e aos projetos genoma e proteoma humanos, de Charles Darwin e sua teoria da evolução das espécies, aos saltos vertiginosos das ciências em laboratórios, tecnologia e inteligência artificial, às incríveis revoluções por minuto feitas pelos grandes computadores. Do macrocosmo ao micro, como os antigos egípcios, na figura de Hermes, o três vezes grande (Trimegisto)... Tudo o que criamos e inventamos a fim de satisfazer nossa curiosidade e à impotência para explicar o nada, o todo, o ser e o não ser, sendo tudo em um dado momento, real e irreal. Continuamente.

Desde a proposta da bíblia judaica, e antes destes, os egípcios, os assírios, os babilônicos, passando por Pitágoras, pelo Oriente desconhecido, pelos pensadores românticos dos séculos XVII e XVIII, até o racionalismo dos séculos seguintes, em que a Ciência e a Tecnologia assumiram de fato uma posição indiscutível de liderança nas relações entre os países mais ricos e os outros, chegando a interferir na vida ordinária das pessoas, física, mental e espiritualmente, gerando inúmeras diferenças de caráter social e psicológico, tudo parecem ser reinterpretações do desconhecido, revisões do já visto, sob novos ângulos, novas perspectivas e dimensões, novas palavras, eterno retorno, transmigrações, pedaços de uma história que, segundo as escrituras

sagradas e a tradução da mitologia hebraica começou com Adão e Eva em um jardim e terminará em Revelações, numa provável chuva de fogo.

De acordo com as modernas pesquisas aeroespaciais, graças aos equipamentos modernos como o telescópio Hubble e outras sondas espaciais informatizadas, e mesmo antes de seu surgimento, já desconfiávamos e acabamos descobrindo que somos um minúsculo grão de poeira cósmica, flutuando suspensos em um universo, um 'caldo' caótico e escuro, pontilhado de traços luminosos, entre bilhões de estrelas, quasares, pulsares, anãs brancas e buracos negros e outros corpúsculos, dentre explosões e nascimento de outros sóis em milhões de galáxias, e das quais conhecemos (ou melhor, sabemos ou temos informações), apenas por números, gráficos, imagens virtuais de satélites reconstituídas pelos computadores das agências espaciais e laboratórios especializados e ondas de rádio emitidas por refração aos impulsos que enviamos, ou emitem de per se, algumas dezenas de milhares, se tanto. Nem sabemos seus nomes, ou não lhes demos ainda, logo as desconhecemos. Questionamos o que as atrai, o que as criou, o que as mantém, se são dotadas de luz própria, e de onde provém esta luz (nós que somos seres carentes de energia), se suportam alguma forma de vida ou, pelo menos se o conceito - como explicamos: cadeias carbônicas - CHON - que temos de vida se aplica por lá.

Desenvolvemos modelos e tentamos reproduzir-lhe a atmosfera, a biosfera, material e virtualmente. Será que existe água, ar respirável, qual a matéria densa ou rarefeita que as compõem, se experimentaram uma evolução como a nossa, monocelular, pluricelular, e se a vida tornou-se lá também inteligente, e que tipo de inteligência é, se são capazes de aceitar outros tipos

de vida e qual o seu grau de tolerabilidade aos invasores, caso um dia nos encontremos, se lá chegarmos ou se aqui vierem? Enfim, tantos questionamentos que mal disfarçam a nossa ignorância travestida de ansiedade intelectual, dos egos inflados nas academias, posturas legítimas, porquanto carentes de conhecimento, mas envolvidos numa busca, e que pode apenas esconder a pergunta síntese, aquela por trás desta procura incessante e que tanto nos apavora e instiga: estaremos sozinhos no Universo ou há mais alguém? E o que está por trás disso: quem responderá? Essa sensação de estar só em um universo tão grande é assustadora, é limítrofe. E, para piorar a sensação, o sentimento real de que não há tempo suficiente em uma vida humana, a de cada um de nós, para se chegar a uma conclusão ou ao conhecimento da verdade. Se somos mesmo atraentes ou, se por sermos predadores, afastam-se de nós!

Theo e Chronos (Deus e Tempo), as duas únicas palavras do saber humano que permanecerão sem resposta *ad infinitum*. Infinitude, aliás, um atributo que lhes é característico. Vida deve ser o intervalo entre a incompreensão e a busca e tentativa de adquirir conhecimento e poder sobre estas duas variantes e constantes universais. Quem nos dirá? O intervalo da existência humana, mesmo enquanto espécie habitante e concorrente do planeta (aqui não estamos sós, mas queremos mais, queremos o que? um ser superior?) é por demais curto na linha do tempo histórico, se comparados ao da própria existência do planeta, à idade das estrelas. Somos uma espécie tardia em um planeta recente... Contraditório. Real... e, verdadeiro!

Há outras questões derivadas e aparentemente distantes do pensar atual e contemporâneo, mas que nos incomodam silenciosamente, tanto quanto as

anteriores, e provavelmente abandonadas ou postas de lado por falta de sensibilidade ou de possibilidades plausíveis e aceites de solução: se há mais seres vivos no universo e se foram inteligentes, terão eles a idéia de um Deus, um ente superior, criador de suas mentes, corpos (seja lá o que venha a ser isto) e culturas, sociedades, civilizações? Ou, depois que morrermos nós iremos, como alma, energia ou protoplasma, para algum lugar? Ou nos desfazemos por completo? E que lugar seria este? Existe vida lá como imaginamos e concebemos aqui? A alma existe de verdade ou é só nossa imaginação, nosso inconformismo? E Deus? O que é Deus? Como chegamos n'Ele ou O conhecemos? Só depois da morte? E o que é a morte? Do que temos medo e porque o temos? Mas, se temos de morrer para conhecê-lo, então, qual a graça? Esta é a única vida que temos? Por que seria necessário perdermos esta vida para podermos conhecer o Deus, como nos asseguram as religiões ocidentais, nós que o somos? Qual é a intenção, a função da vida? O conhecimento, o estudo profundo, a pesquisa e a sabedoria são as únicas vias de fato para chegarmos, talvez, próximos a uma compreensão destes e de outros fenômenos da natureza e de além da natureza? Ou apenas nos aproximamos da paz, da calma de em sabendo tanto, nada saber? Haverá outro caminho, como o da Fé, por exemplo? Aliás, a Natureza existe só aqui no nosso planeta Terra ou podemos expandir-lhe o conceito para outras paragens em outros planetas? Noutras galáxias? O conhecimento racional e a fé serão as únicas ferramentas de que dispomos para procurar entender e aceitar a vida e tudo o mais que a envolve? Estamos limitados pelos nossos sentidos? Devemos nos orgulhar disso?

As ciências atuais, que se originaram a partir da Filosofia e das investigações, do questionamento e da necessidade de obter respostas a tantas indagações,

nos dão explicações plausíveis com as quais tendemos a concordar e através das quais nos conformamos, mas ao mesmo tempo novas e constantes dúvidas e questionamentos surgem e nos são colocados, há sempre mais a se descobrir, há sempre mais a se questionar. A evolução, às vezes não responde, mas tende a nos forçar a esquecer, a por de lado aquilo que não soubemos responder com o tempo. A filosofia, contudo, nos deu esta certeza - de que só através do raciocínio, da pesquisa, da busca séria e científica é que poderemos obter as respostas ou nos aproximar delas e encontrar relativa paz. A ciência brinca nos campos do senhor e a religião (como uma mãe) observa e lhe impõe certos freios morais, cobra-lhe ética e responsabilidades. Do que ela saberá, que tesouro do conhecimento ainda guarda em suas salas secretas e bem guardadas? Ou é só mais uma instituição humana, cheia de segredos, política, falida, assustada?

Diferentemente da sofisticada utilização dos argumentos independentes que se moldam de acordo com as circunstâncias, e as diferentes opiniões, a filosofia também nos deixa claro que tudo muda e que, portanto, não devemos nos satisfazer com o já obtido e devemos procurar ir além, para lá do desconhecido, expandir os limites do conhecimento até os limites da impossibilidade, já que ela também descortinou a idéia da infinitude, o que quer dizer em miúdos - se é infinito é porque ainda não acabou, está se fazendo ou se refazendo -, e estamos como formigas correndo pra lá e pra cá em uma enorme bola girando em meio ao nada em constante mutação. Será? Para os hindus: Maia, um reino de ilusões...Uma idéia muito triste, mas muito provável. O que podemos descartar, de fato, o que nos dá este poder?

Cabe também à filosofia outra função, talvez mais nobre - a de estabelecer uma crítica ao conhecimento e questioná-lo sempre. Para que o

queremos de fato, para nos libertar da ignorância? Mas quanto mais evoluídos, mais próximos estamos da barbárie. A realidade nos mostra isso! Então nos libertar de que? Até aonde a tecnologia aliada à ciência e ao conhecimento modernos nos são úteis, e a partir de que ponto começam a nos prejudicar, física, psicologicamente, espiritualmente? E então o que fazer? negar o avanço ou domá-lo, e aí normatizar as suas consequências? Para que, qual o propósito disso tudo?

Este livro procura a partir dos escritos de vários mestres nos apresentar, não as respostas a estas questões, elas não existem, ou não sabemos perguntar; mas tão somente uma idéia da evolução do pensamento humano, das mudanças e dos saltos qualitativos deste pensar, e é claro que não pretende resumir todo o pensamento já exposto, ele pode quem sabe, no limite, apontar alguns destes a fim de que os leitores possam identificar algumas, talvez as melhores, quem sabe, das várias formas de ver o todo, o Uno e o múltiplo e vice e versa e dali abstrair alguma pretensa conclusão.

Tudo isso são pedaços do todo, largados pelos tempos, fragmentos da inteligência e da existência de uma espécie biológica que desenvolveu, aprendeu e usou da razão, mas não sabe da sua verdadeira origem, apenas procura desesperadamente, às vezes acreditando demasiado nos instintos e nas aparências do mundo sensível, decifrar em cada pedaço ou traço da matéria e do pensamento, um registro qualquer da primeira ocorrência, do fato inicial, informações precisas e confiáveis que nos levem lá onde tudo começou e, quem sabe, conseqüentemente, nos impulsione a querer saber onde tudo isso vai dar. Até um novo e possível reinício.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

